

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 30/03/2018.

MARCOS PAULO SHIOZAKI

**MICHAEL BALINT E A PSICANÁLISE:
novos começos**

ASSIS

2016

MARCOS PAULO SHIOZAKI

**MICHAEL BALINT E A PSICANÁLISE:
novos começos**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em
Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador(a): Prof. Dr. Francisco Hashimoto

ASSIS

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

S556m Shiozaki, Marcos Paulo
Michael Balint e a psicanálise: novos começos / Marcos
Paulo Shiozaki. Assis, 2016.
170 f.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr Francisco Hashimoto

1. Balint, Michael, 1896-1970. 2. Psicanálise. 3. Teoria
psicanalítica. I. Título.

CDD 616.8917

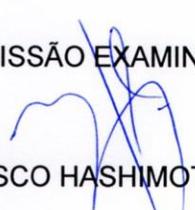
MARCOS PAULO SHIOZAKI

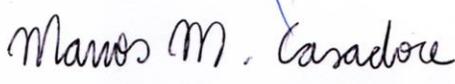
MICHAEL BALINT E A PSICANÁLISE: novos começos

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis
para obtenção do título de Doutor em
PSICOLOGIA. (Área de
Conhecimento: PSICOLOGIA E
SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 30/09/2016

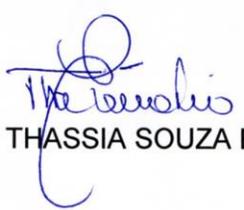
COMISSÃO EXAMINADORA


PRESIDENTE: PROF. DR. FRANCISCO HASHIMOTO - UNESP/ASSIS



MEMBROS: PROF. DR. MARCOS MARIANI CASADORE - FIO/OURINHOS


PROF. DR. LEANDRO ANSELMO TODESQUE TAVARES - FIO/OURINHOS


PROFA. DRA. THASSIA SOUZA EMÍDIO - UNESP/ASSIS


PROFA. DRA. MARY YOKO OKAMOTO - UNESP/ASSIS

Dedico esse trabalho à minha
esposa, Ana, e ao meu filho, Felipe.

AGRADECIMENTOS

Particularmente, o findar dessa tese me proporcionou uma ambivalência muito grande, afinal, de certa maneira, o término marca formalmente (não informalmente) uma separação de Assis. Dessa forma, me sinto feliz por concluir esse trabalho e retornar para perto de minha família, mas sofro por me afastar (fisicamente) de um lugar que foi muito importante na minha vida. Assim, gostaria de agradecer a todos que me acolheram e, conseqüentemente, foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço primeiramente ao Francisco Hashimoto – Chico – por todo o apoio desde o primeiro dia que pisei nessa terra desconhecida. Com você consegui compreender diversos valores que vão muito além da academia e que com toda certeza levarei para o resto de minha vida. Ainda estou no início da minha prática de docente e de pesquisador, mas sempre me espelharei nos seus ensinamentos. Muito obrigado!

Agradeço imensamente a banca de qualificação que tanto me auxiliou. Marcos (Marquinhos) e Leandro, muito obrigado por todos os apontamentos que foram essenciais para esse momento da defesa. Muito obrigado também pela amizade sincera e por acompanhar essa minha trajetória acadêmica.

Queria agradecer também a todos os amigos (além dos supramencionados) de Assis que, de certo modo, com suas imensuráveis amizades, contribuíram com essa tese: Fábio, Matheus, Thássia, Rafinha, Nobuko (in memoriam), Walter, Justo, Marielle, Zanella, Dani, Lucas, Guilherme, Matheus Viana, Fernando, Manu, Tiago, Abraão e Marcelo Naputano.

Aos funcionários da UNESP, em especial ao Auro, ao Marcos, ao João e ao Ricardo.

À Lucineia, por “me fazer amadurecer e fazer amadurecer” esse trabalho.

Também gostaria de agradecer ao pessoal paranaense, que me acolheu nessa minha “velha nova casa”:

Aos meus pais, Afonso e Eliza, por todo o suporte e amor que foram fundamentais para a realização desse meu sonho. Cada ligação e cada visita me fortalecia e me dava tranquilidade para escrever. Muito obrigado por, simplesmente, tudo.

Aos meus irmãos, Akio e Mari pela compreensão de minhas ausências em momentos importantes de nossas vidas. Obrigado por todas as conversas, confianças e descontrações que marcam nosso amor fraterno.

Aos meus sogros e cunhados, Elmerindo, Audila, Li, Marcos, Rafa, Tay, Marcelo, Andrey e Elô. Obrigado por todo o suporte, respeito e compreensão (inclusive das nossas rápidas visitas).

À toda minha família.

Aos meus amigos Vitor, Tati, Vini, Camila, Paulo, Renata, Bruno, Iza, Antônio, Fer, Jairo, Vitor, Ivy, Diego, Kazuo, Vitinho, entre outros, que me acompanharam nesse processo e compreenderam a minha ausência em diversos momentos.

Queria agradecer aos meus queridos amigos docentes da FIO, em especial, à minha amiga e antiga coordenadora de curso, Paula Fiochi e ao diretor, Bianor, por toda a oportunidade de crescimento e de minha formação como docente e como pessoa. É claro que eu não poderia me esquecer dos meus antigos alunos dessa faculdade que tanto me ensinaram. Sinto muitas saudades de todos!

Aos meus “novos” amigos do meu “novo” local de trabalho e aos meus “novos” alunos. Obrigado pelas “novas” experiências fantásticas.

Aos amigos do LIST (Laboratório Interinstitucional de Subjetividade e Trabalho) e do grupo Figuras e Modos de Subjetivação por me proporcionar reflexões únicas.

Aos professores, Helio Honda, Sonia Shima, Abib, Tomanik, Cristina Amélia, Elisabeth Piemonte pelos ensinamentos e, em especial, ao Luiz Eduardo Prado de Oliveira, por me disponibilizar alguns materiais riquíssimos para a compreensão de Balint.

E, por fim, à pessoa que me acompanhou em todos esses momentos e compartilhou comigo diversas experiências que foram fundamentais no meu crescimento. Não posso agradecer somente seu apoio, carinho, compreensão e auxílio irrestritos que foram essenciais para essa tese e para minha vida. Agradeço por você ser essa pessoa maravilhosa, e por me fazer uma pessoa feliz! Te amo, Ana!

Contudo, será preciso ir mais longe, para que a psicanálise não se torne um corpo morto. É preciso que se restaure com urgência, o debate entre aqueles que querem debater.

Jean Laplanche

SHIOZAKI, Marcos Paulo. **Michael Balint e a Psicanálise: novos começos**. 2016. 170 f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

RESUMO

Em uma Hungria marcada por um contexto de conflitos, Michael Balint nasceu no mesmo ano do batismo da Psicanálise, e quando jovem, se voltou aos estudos freudianos. Com um espírito crítico e experimental, encontrou grande ressonância nos pensamentos de Sándor Ferenczi e foi considerado como um continuador de sua obra. A importância dos estudos de Balint justifica-se por sua originalidade e espontaneidade clínica frente aos novos modelos de caráter de diversos pacientes que ele atendeu e, conseqüentemente, a partir de sua técnica bastante sensitiva, em que conseguiu realizar novos constructos teóricos com observações acuradas em seus atendimentos. Entretanto, esse autor não é muito conhecido nos meios acadêmicos brasileiros ou quando reconhecido, é geralmente reduzido por suas ideias desenvolvidas com técnicas psicoterapêuticas grupais em Medicina, classificadas e acopladas dentro de um sistema chamado Grupos Balint. Acredita-se que um dos fatores que levam ao desencadeamento disso, se dá pela escassez de suas obras psicanalíticas traduzidas para o português e, outro fator, igualmente importante, é devido ao período que durou o ostracismo de seu mestre, Ferenczi, que atualmente está sendo cada vez mais explorado. Então, o objetivo desse estudo reside em analisar a diversidade das obras de Balint, levando em consideração os diversos aspectos técnicos, teóricos e epistemológicos, que ajudarão a fundamentar a complexidade da construção dos pensamentos desse autor, tão necessários para pensarmos a dinâmica psicanalítica e, conseqüentemente, a clínica atual. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica analisando seus artigos e também os pensamentos de comentadores para a compreensão de alguns detalhes no campo histórico e bibliográfico, para que fosse entendido também o contexto das suas publicações. Diante disso, é necessário destacar a relevância de seus conceitos construídos a partir de observações técnicas e teóricas, que certamente, podem vir a contribuir não somente para a clínica psicanalítica atual, mas para a Psicanálise, como um todo.

Palavras-chave: Psicanálise. Balint, Michael, 1896-1970. teoria psicanalítica.

SHIOZAKI, Marcos Paulo. **Michael Balint and the Psychoanalysis: new beginnings**. 2016. 170 p. Thesis (Doctorate's degree in Psychology) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2016.

ABSTRACT

In a conflict-ridden Hungary, Michael Balint was born in the same year of the baptism of Psychoanalysis, and as a young man he turned to Freudian studies. With a critical and experimental spirit, he found a great resonance in the thoughts of Sándor Ferenczi and was considered as a continuator of his work. The importance of the studies of Balint is justified by his originality and clinical spontaneity in face of the new character models of several patients that he attended and, consequently, from his very sensitive technique, in which he was able to make new theoretical constructs with accurate observations from his treatments. Nevertheless, Balint has not gained recognition in Brazilian academic literature; or, even when recognized, his ideas are generally reduced to those he developed about psychotherapeutic group techniques in Medicine, which were classified and joined within a system called Balint groups. It is believed that one of the factors that led to the onset of this is due to the scarcity of his psychoanalytic works translated into Portuguese, and another equally important factor is due to the period of ostracism of his master, Ferenczi, who is currently being increasingly exploited. The purpose of this study is to analyze the diversity of Balint's works, taking into account the various technical, theoretical and epistemological aspects that will help to explain the complexity of the construction of the author's thoughts, which are so necessary to think about psychoanalytic dynamics and, consequently, the current clinic. To this end, a bibliographic research was carried out analyzing its articles and also the thoughts of commentators for the understanding of some details in the historical and bibliographic field, so that the context of its publications was also understood. Therefore, it is necessary to emphasize the relevance of its concepts constructed from technical and theoretical observations, which certainly can contribute not only to the current psychoanalytic clinic but also to Psychoanalysis in its totality.

Key-words: Psychoanalysis. Balint, Michael, 1896-1970. Psychoanalytical theory.

SHIOZAKI, Marcos Paulo. **Michael Balint et la Psychanalyse: de nouveaux débuts**. 2016. 170 f. Thèse (Doctorat en Psychologie). - Faculté des Sciences et des Lettres, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Assis, 2016.

RÉSUMÉ

Dans une Hongrie marquée par un contexte de conflits, Michael Balint est né dans la même année de baptême de la Psychanalyse, et pendant sa jeunesse il s'est penché sur les études freudiennes. Avec un esprit critique et expérimental, il a trouvé une grande résonance dans les pensées de Sándor Ferenczi et a été considéré comme l'un des continuateurs de son œuvre. L'importance des études de Balint s'avère par son originalité et spontanéité clinique face aux nouveaux modèles de caractère de plusieurs patients qu'il a assistés et, en conséquence, à partir de sa technique assez sensitive il a réussi de nouveaux concepts théoriques avec des observations précises pendant ses soins. Cependant, cet auteur n'est pas très connu dans le milieu scientifique brésilien ou lorsqu'il se fait reconnaître, il est généralement réduit par ses idées développées avec des techniques psychothérapeutiques de groupe en médecine, classées et accouplées dans un système appelé Groupes Balint. On croit que l'un des facteurs qui mènent au déclenchement de cela, c'est en raison de l'insuffisance de traductions de ses œuvres psychanalytiques vers le portugais et un autre facteur, non moins important, est dû à l'ostracisme de son maître, Ferenczi, lequel est actuellement de plus en plus exploré. Ainsi, le but de cette étude est d'analyser les œuvres majeures de Balint, en tenant compte des divers aspects techniques, théoriques et épistémologiques, qui aideront à soutenir la complexité de la construction de la pensée de cet auteur, si nécessaire à la dynamique psychanalytique et, par conséquent, à la clinique actuelle. Pour ce faire, une recherche littérature a été menée à fin d'analyser ses écrits et aussi les réflexions de quelques commentateurs visant la compréhension de quelques détails sur le domaine de l'histoire et de la littérature, dans le but de comprendre le cadre de ses publications. Par conséquent, il est nécessaire de mettre en évidence la pertinence de ses concepts construits à partir de quelques observations techniques et théoriques, qui pourront contribuer, certes, non seulement à la pratique psychanalytique actuelle, mais aussi à la Psychanalyse dans son ensemble.

Mots-clés: Psychanalyse. Balint, Michael, 1896-1970. théorie psychanalytique.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	15
1. A Psicanálise e a busca de espaço na Hungria: as primeiras influências de Balint.....	20
As primeiras publicações de Balint	29
2. O início do pensamento balintiano, a herança biológica e o novo começo.....	34
O novo começo e a particularidade da técnica em pacientes difíceis.....	41
3. Um novo começo: a autonomia de Balint	46
O difícil início de década e a abertura da Policlínica	46
O movimento de autonomia de Balint.....	53
4. O amor entre perdas: a produção de Balint do final dá década de 1930.....	63
Confrontos e novas produções: passividade e amor objetal primário	63
Espírito húngaro de Balint.....	73
Mudanças e rupturas.....	81
5. A Transitoriedade: 1940-1947.....	85
Uma breve apresentação da Sociedade Britânica de Psicanálise e do nascimento da Clínica Tavistock	85
Uma difícil trajetória	87
6. Mais um novo começo: 1948-1956.....	99
Uma técnica adaptativa e provocativa.....	102
Tavistock, Balint e Enid: a imersão no campo social e o desenvolvimento do trabalho em grupo.....	113
7. Uma consolidação teórica psicanalítica balintiana: 1957 – 1970.....	131
Thrills e regressões para além de Freud	134
A falha básica: um novo começo metapsicológico	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	162

APRESENTAÇÃO

Pra lá e acolá, pra frente e adiante, subindo e descendo
outro tanto, pra lá do Tisza e além do Danúbio, “bem pra lá
do cafundó, onde fuça o porquinho rabicó” (...)

Elek Benedek

(Esse é um início comum das apresentações que
antecedem os contos e as histórias dos húngaros)

O interesse pela obra de Michael Maurice Balint¹ (1896-1970), surgiu em nossa dissertação de mestrado², em que abordamos sobre a questão do sentimento de vazio, tão comum nos tempos atuais. Entre uma diversidade de sugestões, a obra *A Falha Básica* (1968) nos chamou atenção pela criatividade e pela visão crítica em relação à Psicanálise apresentada. A escolha por trabalharmos Balint na tese se deu no decorrer da leitura desse escrito, pois, justamente por apresentar capítulos deveras curtos e com uma inovação intensa, muitas lacunas sobre o processamento dos conceitos pairaram. A partir disso, buscamos outras obras e também comentadores que poderiam preencher essas lacunas durante a dissertação.

Entretanto, quanto mais nos adentrávamos nos diversos aspectos teórico-conceituais de Balint, mais víamos a necessidade de nos aprofundarmos, e outrossim, nosso foco na dissertação era diferente, pois apenas exigia que nós perpassássemos pela “nova” teoria. Apesar do fôlego, admitimos que analisar a obra de Balint exigiria um maior trabalho, que deveria ser realizado em outro momento.

Instigados por esse impulso epistemofílico, iniciamos esse “outro momento” com essa tese, e nos diversos materiais que nos deparamos, não foi difícil encontrarmos citações e também críticas em relação a Balint em obras clássicas como a de Jacques Lacan (1901-1981), de Melanie Klein (1882-1960), de Donald Woods Winnicott (1896-1971) etc. Além disso, cabe apontar alguns importantes comentadores que se dedicam à obra de Balint, como Paul Ornstein, Michelle Moreau-Ricaud, Harold Stewart, Andre Haynal etc.

No Brasil, também foi possível deparar com alguns capítulos de livros, teses e dissertações, artigos e citações como os de Jurandir Freire Costa, Joel Birman, Regina Herzog, Júlia Coutinho

¹ No húngaro, Mihály Maurice Bálint.

² SHIOZAKI, M. P. S. *O sentimento de vazio: reflexões psicanalíticas na atualidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2012.

Costa Lima, entre outros. Nos últimos anos, damos destaque às publicações dos seguintes livros: *Balint em Sete Lições* (2012), de Luís Claudio Figueiredo e *Michael Balint: a originalidade de uma trajetória Psicanalítica* (2013), de Carlos Augusto Peixoto Junior.

No entanto, ainda não podemos considerar que existe uma vasta publicação sobre Balint no Brasil, pois ainda são escassos os resultados quando o procuramos em banco de dados como o *PePSIC* e o *SciELO*. Aliado a isso, notamos que grande parte dessa pequena produção se dedica aos estudos sobre os Grupos Balint, que foi uma modalidade que Balint criou e se utilizou para trabalhar com clínicos gerais, na Medicina. Ou seja, há ainda uma pequena produção sobre os aspectos teórico-metodológicos que concernem à Psicanálise de Balint.

Talvez, essa baixa formulação de trabalhos resida no fato de existir apenas um livro psicanalítico traduzido para o português, que é o *Falha Básica* (1968). Outros livros do autor que tratam da Psicanálise são *Problemas de prazer e de comportamento humano* (1956); *Amor primário e técnica psicanalítica* (1952) e; *Thrills e regressões* (1959)³. É válido apontar também que Balint possui outras obras (inclusive com tradução para o português), mas sem discursar diretamente sobre a Psicanálise. Nesses trabalhos, Balint realizou algumas reflexões sobre o grupo focal (influenciado pela Assistência Social) e também sobre os Grupos Balint.

Ao nos aventurarmos nesses diversos livros, nos deparamos com um autor surpreendente não apenas pela sua obra, mas sobretudo, pela sua liberdade de pensamento e, conseqüentemente, de técnica, que denota muita coragem para enfrentar sem hesitação uma teoria e uma clínica mais ortodoxa. Outro fato que nos chamou a atenção foram as diversas construções e reconstruções que ele teve que passar em sua vida, e que o levou a uma consolidação de pensamento e a constantes “novos começos”.

O conceito de “novo começo” é fundamental dentro da obra balintiana, mas queremos adotar, por enquanto, um discurso não psicanalítico a respeito desse termo. Mesmo para o senso comum, esse “novo começo” se apresenta de uma maneira mais ampla que um simples recomeço, visto que “recomeçar” representa um “começar de novo” e denota uma ideia de repetição. O “novo começo”, por outro lado, significaria um “recomeçar diferente”.

Pensado dessa maneira, nos remetemos a um exemplo freudiano de *A transitoriedade* (1916[1915]), em que um belo campo foi destruído pela guerra, e nunca mais voltou e nem voltaria

³ No original: *Problems of Human Pleasure and Behavior* (1956); *Primary Love and Psycho-Analytic Technique* (1952) e; *Thrills and regressions* (1959). Destacamos também que todas as traduções dessa tese, serão nossas.

a ser aquele belo campo. Entretanto, existia um potencial de reconstrução para se tornar um outro campo, até mais belo. Isso nos leva a uma reflexão acerca da questão da singularidade e da efemeridade dos momentos e das coisas.

A escolha por relacionar o “novo começo” ou os “novos começos” com Balint, parece ser bastante representativa. Ele nasceu na Hungria e acabou vivenciando de perto a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e as diversas transformações sociais e culturais em países diferentes. Em sua vida, teve que lidar com diversos “novos começos”, como sua participação (mesmo sendo contrário) na Primeira Guerra, sua mudança da Hungria para a Alemanha, seu retorno a Hungria, sua mudança para a Inglaterra, o falecimento de sua esposa, seu segundo e seu terceiro casamento etc. Em relação às suas implicações psicanalíticas, Balint foi muito aberto e se permitiu a ler e a experimentar diversas facetas clínicas e teóricas, saindo de uma clínica tradicional e de um biologismo, para um campo de experimentações e ideias que negavam aspectos teóricos tradicionais e abriam para um novo campo de experiências, ampliando a Psicanálise em clínicas médicas, em hospitais, em consultórios particulares etc. Essa capacidade de Balint é marcante e destacamos o “novo começo” quando ele se muda para Manchester e perde sua esposa, quando ele mora em Londres e conhece Enid, e quando ele é obrigado a largar Tavistock, situações essas que veremos ao longo da tese.

Com uma visão bem aberta e uma constante busca por autonomia, Balint não se limitou às teorias clássicas vigentes e, inspirado em Sándor Ferenczi (1873-1933), experimentou e se utilizou dos mais diversos conceitos, comprovando e refutando os diferentes termos e técnicas que estavam em voga, reconstruindo ou “recomeçando diferente” novas implicações clínicas. Outro detalhe interessante é que essa sua nova maneira de enxergar e executar suas ações na clínica parece ser necessária quando nos adequamos em nosso atual contexto. Será então que se voltar aos ensinamentos de Balint daria conta dessa nova demanda clínica que estamos vivenciando? Que tipo de contribuição esse autor, falecido em 1970, poderia nos ceder?

INTRODUÇÃO

1. Conseguir fazer tudo isto.
2. Conseguir terminar tudo isto.
3. Conseguir tudo isto e recomeçar

Felipe Nepomuceno

A demarcação e a validação sobre a diversidade científica não aparenta ser justa com saberes relacionados ao campo das humanidades. Portanto, aqueles conhecimentos - geralmente, pertencentes às áreas das ciências biológicas e exatas – embasados, majoritariamente, na verificação e na experimentação, ou seja, que se encaixam no iatrofísico ou no iatroquímico, ganharam facilmente um *status* científico. Consequentemente, conseguíamos observar, ao longe (devido à dificuldade de argumentação), autores do campo epistemológico, como Popper (1982), classificando a Psicanálise como uma pseudociência.

Isso não indica que a Psicanálise não é passível de verificação e experimentação, mas as críticas que ela sofreu residiam no fato da sua cientificidade depender dela mesma. Ou seja, parecia que o saber psicanalítico só poderia ser provado (ou refutado) pelo próprio saber psicanalítico.

Entretanto, devemos apontar que a Psicanálise criticada parecia ser aquela totalmente centrada e exclusivamente freudiana. Nos critérios popperianos, a Psicanálise não atenderia a todos os requisitos científicos e, assim, supomos que isso colaborou e ampliou os diversos debates e posicionamentos de encarar esse saber como filosófico, literário e até artístico.

Longe de desvendarmos os diversos desenvolvimentos epistemológicos, consideramos existir um reducionismo ao apontar que Psicanálise se resume à figura de Sigmund Freud (1856-1939), pois quando olhamos a história desse saber, constatamos que a Psicanálise foi construída a partir de diversas sínteses e discussões, ou seja, foi realizada em conjunto.

Ao considerarmos essa construção pluralizada, optamos por explorar a obra de Balint. A escolha por esse autor se deu por acreditarmos que ele lida de maneira autônoma, crítica e criativa, com os ensinamentos da Psicanálise. Percebemos também nele uma busca incessante de comprovar as diversidades de conceituações no campo da prática, se utilizando até de modelos iatrofísicos e iatroquímicos, procurando validação e refutação de diversos pensamentos.

Acreditamos que, quando se trata da Psicanálise, devemos nos embasar em uma metodologia que consiga abarcar e focar a diversidade que existe nas construções teóricas. Em nossa dissertação de mestrado (SHOZAKI, 2012), apontamos as variadas quantidades de alterações

que a teoria acaba (e continua) sofrendo até chegar em uma hipotética consolidação. O termo narcisismo, por exemplo, tal como foi cunhado por Freud (1914a), sofreu uma variedade de julgamentos e, principalmente, de reformulações (seria uma perversão, uma característica dos homossexuais ou uma etapa de nosso desenvolvimento?) ao longo do tempo. O mesmo se pode dizer de outros estudos como os da histeria, dos instintos, da teoria da sedução etc. Esse movimento de pensamento, especificamente da Psicanálise, de acordo com Monzani (1989), se apresenta de maneira pendular e espiralado. Isso se torna verificável, pois, vários conceitos de Freud parecem, primeiramente, afirmar algo para posteriormente negá-lo (vide o exemplo do narcisismo). Certamente, esse movimento de vai-e-vem de conceitos introduzidos, “esquecidos” e resgatados, caracterizaria o movimento pendular. Mas, ao mesmo tempo, o conceito vai se transformando, pois, quando resgatado, não estaria na mesma condição de quando foi “esquecido” e isso acabaria por desembocar em “constantes novas definições”, caracterizando o movimento espiralado. Enfim, esse movimento pendular e espiralado representaria o movimento de pensamento psicanalítico.

Dessa maneira, optamos pela metodologia apresentada por Hornstein (1989), para estudarmos a obra de Balint. Esse autor apontou a existência de dois modelos metodológicos, sendo que o primeiro é duramente criticado. Esse primeiro modelo levaria em conta uma possibilidade de analisar a teoria psicanalítica por um padrão hipotético-dedutivo, pois apresentaria a teoria de maneira coerente, linear e acabado. Porém, como já demonstrado pelo próprio Monzani (1989), os estudos psicanalíticos não são lineares e muito menos, acabados. Então, consideraremos nessa tese, o segundo modelo de Hornstein, intitulado histórico-crítico.

O modelo histórico-crítico, em contraposição ao modelo hipotético-dedutivo, tenta apresentar as nuances que as teorias em desenvolvimento sofrem e continuam sofrendo, ao longo de sua construção. Com a Psicanálise ocorre exatamente isso, pois ela se apresenta de maneira assimétrica. No modelo histórico-crítico *“tenta-se reconstruir o momento de gênese de cada conceito e seu posterior processamento intrateórico (...)*. Assim, quando estudamos um texto, a primeira coisa que devemos fazer é contextualizá-lo, situá-lo em um momento teórico e em um campo problemático”. (HORNSTEIN, 1989 p. 25, grifos do autor).

Esse modelo parece se ajustar bem aos nossos pensamentos, pois consistem em analisar a construção dos principais conceitos psicanalíticos de Balint, considerando principalmente o contexto da Hungria, da Inglaterra e da Escola de Budapeste. Ademais, é necessário apontar alguns

preceitos desse modelo, para, posteriormente, relacioná-los junto às construções teóricas desse autor.

Os preceitos de Hornstein (1989) defendem a ideia de que uma teoria necessita, constantemente, de confrontação para se validar. Dessa maneira, temos que, “através da aplicação técnica que surgem novos materiais que permitem retificar, reelaborar e ampliar o campo teórico”. (p. 23). Ou seja, uma teoria necessitaria de aplicação metodológica e técnica para se construir.

Esses preceitos se harmonizam com o estilo de Balint que, assim como outros autores clássicos psicanalíticos, buscava uma comprovação prática dos conceitos metapsicológicos. Entretanto, nos questionamos a razão desse autor não ser tão reconhecido quanto os outros. Um relevante ponto trabalhado por Balint, residiu justamente em suas experiências⁴ visto que ele trabalhou com alguns pacientes considerados “difíceis⁵”, pacientes esses em que um tratamento baseado nas neuroses - quer dizer, no tratamento clássico freudiano – parecia não dar conta. Dessa maneira, podemos destacar que as ideias advieram de algumas inquietações percebidas na clínica, em que as técnicas e interpretações pareciam limitar-se frente a um modelo diferente de paciente, em que não era possível identificar conflitos e, conseqüentemente, o aparecimento de uma suposta apatia era constante. Além disso, a teoria e a prática adotadas por Balint exigiram que o analista criasse uma atmosfera adequada ao paciente, amoldando cada caso de acordo com a necessidade, por muitas vezes tendo que abandonar aquele *setting* clínico clássico. Então, podemos perceber a originalidade de Balint ao se dedicar a novos olhares para algumas facetas técnicas e, por conseguinte, repensar alguns aspectos teóricos.

Diante disso tudo, nos questionamos como o estudo desse autor que desenvolveu suas técnicas e teorias sobre a clínica, entre as décadas de 1920 e de 1970, poderia continuar original para pensarmos a clínica hoje.

Para conseguirmos responder a isso, iremos explorar e nos guiar, principalmente, através de alguns textos de Balint relacionando com leituras sobre o seu contexto, seja na Hungria, na Alemanha, na Inglaterra ou nos Estados Unidos, considerando que tudo isso foi necessário para a construção dessas facetas teóricas-metodológicas balintianas. Feito isso, acreditamos ser possível

⁴ Experiência, não no sentido dado pelo empirismo. Por essa corrente, de acordo com Abbagnano (2007), a experiência se basearia na realidade, em situações repetíveis, com certa uniformidade. Pelo fato de considerarmos que a Psicanálise possui um caráter autóctone, destacamos que muitos resultados e conceitos explorados não tiveram a repetitividade como fator crucial.

⁵ Haverá, nas considerações finais, uma explicação sobre esse modelo de paciente.

conseguirmos uma confluência entre o que foi questionado no parágrafo anterior e a metodologia orientada pelo modelo histórico-crítico.

De maneira geral, os capítulos se estruturarão de modo a apresentar o contexto que rodeava e influenciava Michael Balint, além dos aspectos de sua vida que tiveram um impacto direto em sua obra. Feito isso, daremos ênfase às publicações do húngaro de acordo com cada época respectiva. Assim, nosso objetivo é analisar a construção do pensamento de Balint, verificando os diversos aspectos teóricos, históricos e técnicos desde as suas bases até a sua consolidação, que contribuem para uma reflexão da clínica atual. Para isso, podemos afirmar também que nos utilizaremos não somente dos escritos psicanalíticos do autor, porque acreditamos que é preciso perpassar por obras que não são exclusivamente psicanalíticas, pois de certa maneira, elas acabam trazendo relevantes aspectos que influenciarão a vida do húngaro. Diante desse objetivo, é necessário mencionar que os nossos objetivos específicos condizem com a construção de cada capítulo, que será apresentado abaixo.

Assim, no primeiro capítulo, discorreremos sobre alguns acontecimentos da vida de Balint, visando explicar o início de sua trajetória pelos meios psicanalíticos. Vale apontar que, para isso, nos utilizaremos de alguns estudos sobre a Hungria, pois estudar esse contexto, aliado ao movimento que os psicanalistas estavam realizando nesse período, se mostra essencial para uma compreensão dos desenvolvimentos (tanto intelectuais, quanto biográficos) posteriores de Balint.

No segundo capítulo, iremos abordar sobre a influência que o campo da Biologia exerceu sobre os pensamentos de Balint e, especialmente, para a formação de um conceito balintiano importante, denominado “novo começo”. Além disso, será mostrado que ainda havia uma certa dependência da teoria de Balint, principalmente no referencial de Freud e de Sándor Ferenczi (1873-1933).

O terceiro capítulo visa demonstrar o desenvolvimento da autonomia de Balint, dentro do campo da Psicanálise, utilizando para isso, os artigos que compreenderam a primeira metade da década de 1930. Outro importante tema desse capítulo é a morte de Ferenczi.

O quarto capítulo abarcará a segunda metade da década de 1930, tendo como ênfase, o pensamento de Balint que o levará a construir o conceito de “amor primário”. Outro destaque desse capítulo será a mudança de Balint para a Inglaterra e a perda repentina de sua esposa.

O quinto capítulo discorrerá sobre as dificuldades e um hiato na produção de Balint – decorrente da morte de sua esposa - e o começo de seu desenvolvimento dentro da Sociedade Britânica de Psicanálise.

O sexto capítulo mostrará algumas facetas técnicas de Balint e discorrerá também sobre o começo de novos interesses de Balint, como o Serviço Social, interesse esse, que seria fomentado por sua nova companheira e pela clínica Tavistock.

O sétimo capítulo trabalhará os principais conceitos balintianos decorrentes da construção teórica e técnica desenvolvida ao longo de sua vida. Assim, observaremos o papel das regressões e das observações na clínica para uma consolidação do pensamento de Michael Balint.

Por fim, nas considerações finais, destacaremos o fato de que essa teoria de Balint se mantém original e ela pode ser trabalhada na clínica atual, levando em conta aquele modelo de paciente que não se encontra no campo das neuroses, ou seja, que não se apresenta na área edípica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ah, esse vazio! Esse vazio terrível que sinto em meu peito! Quantas vezes penso: “Se pudesses uma vez, uma vez apenas, apertá-la contra esse coração, o vazio todo seria preenchido”.

Johann Wolfgang Goethe

Por que utilizar um autor que nasceu no século retrasado e que faleceu há mais de 45 anos para explicar as dificuldades clínicas contemporâneas? Como considerar as inovações clínicas que foram iniciadas em meados da década de 1920 e de 1930?

Esses questionamentos parecem ser válidos e nos coloca em uma problemática de argumentação estritamente temporal. Entretanto, é necessário nos atentarmos para os tipos de paciente que Balint tratou na clínica e considerarmos, ainda, o ostracismo de seu mestre, Ferenczi.

Sobre o primeiro fato supramencionado, defendemos aqui que para os pacientes no nível edípico, é necessário nos focarmos nas diversas facetas e mudanças sociais e culturais, pois o núcleo de sua patologia realmente estaria a partir de um conflito edípico. Entretanto, quando consideramos um paciente no nível da falha básica, o conflito edípico (ou social) sai do centro e o que vale é o manejo transferencial, sem se esquecer de pensar no amor primário e nos diversos aspectos regressivos. Isso não significa que o contexto não seja relevante, mas ele aparece mais como um pano de fundo para algo tão primitivo, em que ainda a cultura não imperava. Ou seja, não há como afirmarmos aqui que existe uma teoria ultrapassada para esse tipo de paciente regredido, visto que a questão sócio-temporal deve ser considerada, mas não se apresenta de suma importância nesse processo.

O segundo fato está muito atrelado ao que foi mencionado no parágrafo acima. Isso significa que com o ostracismo de Ferenczi, a Escola Húngara perdeu potência em relação a seu reconhecimento, mesmo diante de tanta inovação e importância e, Balint, considerado como aquele discípulo mais fiel de Ferenczi, teve suas ideias também levadas a um ostracismo. Os dois fatos se entrelaçam não somente pelo fato de Ferenczi realizar algumas inovações na clínica como a experimentação da técnica ativa e da análise mútua, que se mostraram de extrema relevância para pensarmos na terapêutica desses pacientes mais regredidos. Sobretudo, o principal fato que destacamos, é o arcabouço clínico que Ferenczi preparou a Balint a partir da honestidade dessas

experimentações e que, infelizmente, foi mal interpretado por vários psicanalistas, como já observamos nas correspondências entre Balint e Jones.

Como já observamos, a clínica proposta por Balint é bastante peculiar se considerarmos aquela clínica psicanalítica clássica, do modelo freudiano, porque a linguagem verbal não é central na situação terapêutica. É necessário pensarmos que Balint analisou pacientes regredidos e reforçou as regressões que ocorriam em sua clínica. Portanto, é realmente impossível pensarmos, por exemplo, em uma interpretação e, conseqüentemente, em uma elaboração tendo como modelo o plano verbal, visto que o eu não está suficientemente estruturado e fortalecido.

Dessa maneira, temos que para Balint, a terapia psicanalítica funciona embasada na relação objetal, pois todos os eventos “que finalmente conduziam a modificações terapêuticas na mente do paciente, são iniciados por eventos ocorridos em uma relação bipessoal, isto é, acontecem essencialmente *entre* duas pessoas e não apenas em uma delas” (1968, p. 34 grifos do autor).

Quais foram os tipos de pacientes que Balint atendia que são classificados como casos difíceis? Outra importante questão reside na importância deles na atualidade, já que autores como Ferenczi e o próprio Balint voltaram (ou começaram) a ser estudados. Certamente, isso é um importante aceno para indicar que os pacientes difíceis da clínica daquela época, estão cada vez mais comuns em nossos consultórios. Uma relevante pista para o início dessa discussão é que, certamente, o modelo desses pacientes se embasaria no plano da falha básica.

Diante disso, poderíamos pensar se a Psicanálise está pronta para atender esses novos modelos de pacientes, que não se limitam a uma interpretação verbal e estariam, inclusive, regredidos a um estágio anterior ao edípiano. Figueiredo (2008) afirmou que a Psicanálise clássica freudiana se mostra bastante limitada a esse tipo de paciente.

Esse tipo de paciente, difícil, é colocado por autores como Stone (2006) e Mélése (2002) como pacientes *borderlines*. O primeiro autor aponta que Balint e Green trataram de pacientes *borderlines*, mesmo considerando que as características desses pacientes apareciam um pouco diferentes daquelas descritas nos manuais como o DSM. Mesmo assim, não restavam dúvidas que esses pacientes da falha básica, se tratavam, de fato, de *borderlines* (STONE, 2006; MÉLÈSE, 2002).

Essa constatação nos faz refletir sobre o nosso atual contexto, pois nos questionamos sobre o que poderia estar gerando pacientes desse tipo. Corroborando com o que está proposto aqui,

Hegenberg (2000) considerou que a problemática do *borderline* é uma característica dos nossos tempos.

Antes dessa discussão, Figueiredo (2008) alertou que há uma intensa variedade de *borderlines*, que engloba realmente alguns que estão desadaptados, mas que também contém outros que são relativamente bem adaptados, portanto, é necessário repensar toda aquela “gravidade” que foi atribuída a esse tipo de paciente pelos DSMs.

Então, considerando o nosso importante entorno cultural em nossa constituição subjetiva contemporânea, apresentamos o aspecto tecnocientífico, que está atrelado a questões de expansão e fortalecimento do consumo (e, conseqüentemente, do espetáculo e do narcisismo), como um forte determinante cultural. (SHIOZAKI, 2012).

Costa (2005) advertiu que o plano consumista, dos objetos (materiais), remete a um processo que reduziu os princípios liberais em um plano mais individualista, de um pragmatismo político-filosófico. Isso leva a diluição do papel cultural do cidadão e um declínio do mundo público para a ascensão do mundo privado, influenciando fortemente a questão social, corporal e moral do sujeito.

De acordo com Birman (2007), o mal-estar na atualidade denota uma necessidade de se voltar os olhos para uma nova consituição subjetiva. O autor defendeu que os instrumentos interpretativos da clínica parecem estar aquém da velocidade dos contextos do mundo e, diante disso, é necessário repensar com urgência a leitura das subjetividades.

Figueiredo (2008) apontou que a esquizoidia é um dos pólos de constituição das subjetividades contemporâneas, marcada pelo individualismo e pelo consumo. Em decorrência disso, podemos pensar que temos, inclusive, uma configuração psicopatológica diferente quando comparada com a época de Freud. Nesse sentido, o autor afirma que emergem na clínica os pacientes difíceis, chamados também de *borderlines*, que apresentam esse certo grau de esquizoidia.

Além disso, Figueiredo (2008) defendeu a ideia de que na esquizoidia existe o aspecto da cisão que nos afastaria de um plano da realidade. Como isso representa um processo bastante primitivo, uma de nossas defesas seria uma espécie de amortecimento e de silenciamento das forças pulsionais, que levaria a uma sensação de tédio e de futilidade. É necessário apontar que nesses estados esquizóides não existe apelo positivo ou negativo e tudo parece inanimado.

A esquizoidia reúne dessa maneira o senso de futilidade, o esvaziamento de sentido, a perda da vitalidade das relações do sistema fechado com objetos reais – pessoas, atividades, metas, ideais – e, paradoxalmente, a dinâmica demoníaca em que o indivíduo pode ser inesperadamente lançado no turbilhão das disputas entre promessas miraculosas de salvação e gozo e ameaças satânicas de aniquilamento e danação. Trata-se aqui de um novo pavor que nada tem a ver com a culpa. Na cultura da esquizoidia nem operam o medo pânico da punição, nem o terror diante das transgressões e, menos ainda, os motivos da compaixão e da solidariedade. Os laços sociais tão esfarrapados e desinvestidos do regime ultra-individualista não suportam nem a compaixão nem o compromisso com a lei que institui e regula o campo social. As ameaças chegam, assim, destituídas de qualquer dimensão moralizante [...]” (FIGUEIREDO, 2008, p. 55-56).

A confluência dessa citação com a passagem de Costa (2005) e de Birman (2007) representa uma harmonia em relação aos pensamentos sobre a constituição subjetiva na atualidade. Portanto, realmente é urgente pensarmos na clínica atual. Os casos-limite ou *borderline*, característicos dessa atual constituição subjetiva, são descritos como fronteiros da neurose, da psicose e da perversão, podendo ter (ou ser) um pouco de cada, o que dificultaria um diagnóstico. Tudo isso nos remete para aqueles pacientes difíceis de Balint (1968), que foram chamados como portadores da falha básica.

Figueiredo (2008) apontou que nos casos-limites aparece uma angústia de abandono, em que há um temor de separação e de perda de objeto e, ao mesmo tempo, uma angústia de invasão ou engolfamento pelo objeto. Essas angústias seriam doenças das fronteiras do ser, que levam a possibilidades de morte e de dissolução. Percebemos que os *borderlines* são marcados por uma instabilidade estrutural diferente da neurose e da psicose, e ressaltamos que a desorganização dos sintomas dificulta um diagnóstico.

Hegenberg (2000) acenou que as características desses pacientes (que, aliás, se assemelha com uma constituição das subjetividades contemporâneas) são os sentimentos de vazio, de tédio, de depressão e de solidão. É certo que alguns *borderlines* aparentam ser pessoas extremamente violentas, mas defendemos aqui que a agressividade é decorrente do tédio, conforme verificaremos adiante. Ademais, nos questionamos se a questão do consumo e da drogradição seriam uma tentativa de preenchimento desses diversos vazios existenciais.

O paradoxo desses casos-limite, entre temor de perda e de invasão objetal (no sentido psicanalítico), nos leva a uma importante relação com o pensamento balintiano, visto que isso denota uma insegurança com relação ao seu objeto, ou melhor, podemos afirmar que essa relação, tão primitiva de amor, foi marcada por uma falha do objeto, ou seja, uma falha básica. Isso certamente leva a uma tentativa de manter aquelas relações simbióticas arcaicas, mas com objetos

pouco disponíveis para trocas afetivas baseadas na interdependência e/ou um auto-esvaziamento afetivo e ideativo. Birman (2009) apontou que houve diversas mudanças significativas na atualidade, principalmente no campo familiar, em que notamos, por exemplo, a saída e uma figura materna para o campo de trabalho e uma não compensação da figura paterna frente a nova criança. Instaure-se aí um sentimento de abandono que pode ser compensado com uma invasão de cuidados demasiados. O efeito disso, segundo o autor pode ser uma fragilização psíquica e uma infantilização muito grande, impedindo um processo de uma maior autonomia. Estaria aí uma tentativa de explicação dessa oscilação do eu nos *borderlines*?

Se utilizando de recursos de autores como Mahler e Kernberg, Figueiredo (2008) explicou que a instabilidade e oscilação desse processo presente nos *borderlines*, se dá após uma fase simbiótica entre o bebê e a mãe, no processo em que ele começa a explorar o ambiente. Instaure-se aí um medo de ir longe demais e se perder do objeto (ser rejeitado ou esquecido por esse objeto) ou um medo de permanecer com esse objeto e ser engolfado e invadido. Dessa maneira, ele estaria entre uma problemática narcísica e uma problemática esquizóide, fazendo com que os *borderlines* tenham uma dificuldade em construir e sustentar uma imagem integrada e estável de si e dos objetos.

Ao realizar alguns estudos sobre Federn, Figueiredo (2008) apontou que o eu deve ser considerado como objeto e como sujeito, sendo que as funções do eu dependem do investimento que é feito nele. A criação desse eu ocorre em grande parte na constituição de suas fronteiras (conforme observamos em *O eu e o isso*, de Freud) e a questão da realidade é construída justamente pelos investimentos libidinais nessas fronteiras. Assim, podemos afirmar que as realidades internas e externas têm prejuízos quando não há um investimento suficiente dessas fronteiras. O *borderline*, então, se caracterizaria por um problema na constituição das fronteiras externas e internas do eu, ocorrendo quando os objetos externos (como a mãe ou outra figura) impedem ativamente o processo de constituição do psiquismo.

Diante disso, é necessário considerar que temos uma espécie de alargamento e de estreitamentos das fronteiras do eu. Isso pode levar a um movimento “para dentro”, com auto-observação e “para fora”, onde ocorrem os *actings outs*. Não à toa, Figueiredo (2008) apontou que os *borderlines* são impulsivos e observadores excelentes dos outros e de si mesmos. Sobre o atendimento desse tipo de paciente, afirmamos que ele se apresenta com uma:

extrema dificuldade de situar-se no campo transferencial e de lidar com as transferências do paciente, pois o analista será empurrado para dentro e para fora, para perto e para longe

alternadamente devendo funcionar como aqueles bonecos (joões bobos) que têm um lastro muito pesado na base arredondada e uma parte superior em leve. Empurrado para trás e puxado para a frente, consegue responder alternadamente a esses movimentos sem opor resistência, mas também, e na medida do possível, *sem sair do lugar*. (FIGUEIREDO, 2008, p. 94, grifos do autor).

Figueiredo analisou também os pensamentos de Fairbairn que levam em consideração o desamparo e a dependência absoluta do recém-nascido com o objeto. É necessário ressaltar que Balint (1956a) criticou a visão de Fairbairn alegando que ele parecia não considerar uma visão de uma relação mais primitiva entre mãe e bebê. Entretanto, é válido considerar a teoria de Fairbairn acerca da polarização entre o bem e o mau que um paciente *borderline* pode ter a partir da problemática da esquizoidia, podendo, inclusive, polarizar o analista como sendo totalmente mau, na hora da transferência.

Figueiredo apontou que diante dessa característica de um eu que luta para existir e para ser coeso, a dor acaba servindo como um recurso, que muitas vezes se confunde com um aspecto masoquista, mas que deve ser encarada como uma percepção do *borderline* das fronteiras do eu.

Diante disso, um recurso usado por *borderlines* que é bastante comum, é o uso de drogas, anestésicas e excitantes, que não precisam, necessariamente ser químicos (pois, alguns se excitam ou relaxam com ideias, ações e fantasias). Além disso, as drogas podem ser uma maneira de preencher um vazio depressivo da patologia esquizóide. A questão da futilidade e do tédio, característico também pela indiferenciação das fronteiras do eu, parece que se quebra somente com as “turbulências afetivas, ideativas e comportamentais que pontuam a existência desses indivíduos, muitas vezes propensos a se meter em encrencas e a se envolver em acidentes” (FIGUEIREDO, 2008, p. 106).

Essas afirmações de Figueiredo parecem ressoar com as ideias de Birman (2006) que indicam que o mal-estar atual registra suas bases no pânico, na toxicomania e no sentimento de vazio, signo da depressão atual. É interessante observar que em outra obra, Birman (2000) apontou que o problema da toxicomania parece residir na perversão, mas, de qualquer maneira, é consenso que é necessário que a Psicanálise repense seu lugar para se pensar nas questões da subjetividade contemporânea, para além (ou aquém) do Édipo.

É interessante citar aqui Figueiredo (2008), que concorda com Balint (1968) e afirma que a comunicação do *borderline* se dá de maneira muito primitiva, ou seja, é preciso que o analista consiga se abrir para recepcionar esse tipo de comunicação que oscila e vacila muito, devido a

estrutura desse paciente. Isso representa um começo que somente é possível se o paciente confiar nessa atmosfera criada entre ele e o analista e, ressaltamos aqui a grande importância do último para não adotar aquela postura de passividade e de objetividade. Ou seja, percebemos a atualidade de se trabalhar se utilizando de Balint, quando observamos a ressonância de seus pensamentos em psicanalistas que versam sobre a Psicanálise atual.

Ao longo de nossa tese, conseguimos observar uma importante construção e “diferentes recomeços” que marcaram a teoria balintina. Os diversos aspectos históricos, culturais, biográficos e clínicos trabalhados, foram fundamentais para a compreensão dessa consolidação teórica.

Assim, podemos afirmar que as experiências que Balint passou na Hungria, naquele contexto devastador de guerras e da ditadura, acabaram sendo relevantes para que ele compreendesse a necessidade daquela pluralidade de pessoas e de temas que Ferenczi influenciou para os estudos psicanalíticos. Do mesmo modo, aquela diáspora dos húngaros acabou por auxiliar a manutenção dessa pluralidade e de absorções de experimentações, que levaram a um crescimento e desenvolvimento de um modo húngaro de pensamento.

Os estudos biológicos de Balint e sua ida a Berlim foram igualmente relevantes por iniciarem importantes contatos, como o com Sachs e Klein. Além disso, Balint iniciava um aprofundamento em algumas obras psicanalíticas e, com o auxílio de seus estudos biológicos, começava a esboçar importantes construções que culminariam em conclusões que o faria duvidar de alguns conceitos freudianos e o faria avançar em uma originalidade sua. Iniciava também, conseqüentemente, um novo começo.

O início desse próspero caminhar que parecia não cessar, mesmo com o exílio para Manchester, foi interrompido pela morte de Alice Balint. Diante desse fato, Michael Balint se viu sozinho em uma cidade que ele não gostava e sua produção decaiu significativamente, mas mesmo assim, ele começou a frequentar a BPS e pouco a pouco, foi ganhando notoriedade.

A experiência em Londres teve relevância para Balint, pois ele participava de algumas reuniões em uma escola que estava discutindo justamente as relações objetais e começava a se tornar referência sobre esse assunto. Entretanto, o dogmatismo apresentado por essa instituição incomodava muito o húngaro, que sempre se posicionou contra essa atitude. Essa experiência negativa o fez olhar diferente para Tavistock, onde parecia não haver um dogmatismo e representar um espaço em que poderia experimentar as suas ideias.

Quando conseguiu entrar em Tavistock, ele foi influenciado pelos trabalhos com as assistentes sociais e isso iniciou um novo recomeço da teoria de Balint. Ele se interessou muito pelas técnicas grupais e começou a adaptar tais técnicas pensando em um modelo que poderia ser aplicado pelos médicos. Nesse espaço, Enid, que viria a ser sua nova esposa, o auxiliou bastante.

Em Tavistock, o húngaro ouviu o relato de diversos médicos e também foi influenciado a seguirem um modelo de atendimento com embasamento na Psicanálise. Além disso, ele continuava na BPS e criticava duramente os modelos que ele encontrava. De acordo com Gurfinkel (2010), Balint mantinha uma boa relação de amizade com Melanie Klein e também com Anna Freud, mas desenvolveu uma visão crítica em relação a essas duas e também aos seus colegas do Grupo Independente.

Segundo Gurfinkel (2010), Balint criticava o futuro da psicanálise, partindo do pressuposto da existência de uma deficiência em relação ao treinamento dos analistas. Dessa maneira, embasado em Vilma Kóvacs e Ferenczi, defendeu que o analista do candidato à formação, deveria supervisionar os seus casos também no divã, ou seja, o analista deveria ser supervisor ao mesmo tempo. Além disso, criticou duramente o dogmatismo e defendeu que uma formação poderia ser iniciada em um local e terminada em outro, evitando assim uma IPA única e hegemônica.

Podemos perceber que Balint se preocupava e desaprovava os candidatos e analistas que exerciam relações de submissão e poder. Ele criticou que nas análises didáticas, existia um movimento de forçar o candidato a se identificar e a seguir com o seu iniciador. Com certeza, isso não era nada saudável ao ambiente psicanalítico.

Toda essa energia e vontade de mudança do húngaro, o fez ganhar reconhecimento no mundo médico, pois ele revolucionava a maneira de enxergar a relação médico-paciente. Assim, gradativamente ele foi ganhando reconhecimento e foi convidado a ministrar cursos e palestras, além de aulas, para fora da Inglaterra.

No campo conceitual, Balint se embasou em suas experiências clínicas e a regressão (tanto benigna como a maligna) foi um fator de importância para que ele criasse seus principais conceitos. Dessa maneira, o novo começo surgiu e se fortaleceu, tal como o amor primário, a falha básica, a área da criação, a ocnofilia e o filobatismo.

Essa sua maneira particular de enxergar a clínica e trabalhar com pacientes difíceis – considerados posteriormente como *borderlines* – representa uma importante contribuição para pensarmos nos modelos de pacientes atuais, que deixam analistas e terapeutas confusos.

Apontamos já a necessidade de se repensar a subjetividade atual que destoa das subjetividades apresentadas em épocas distintas como a de Freud, de Ferenczi, de Klein e do próprio Balint. Entretanto, é necessário considerar que esse último, muito influenciado por Ferenczi, desafiou e foi trabalhar justamente com os modelos de pacientes que se assemelham aos que foram apresentados pelas principais leituras psicanalíticas atuais, como percebemos em Birman (2009); Costa (1998); Figueiredo (2008), e; Hegenberg, (2000).

Diante disso, questionamos a razão de Balint não ser muito explorado nos meios psicanalíticos. Uma das pistas pode ser vista em Peixoto Junior (2013), já que ele apontou que o húngaro não criou uma escola psicanalítica e a questão doutrinária fugia de seu constructo, certamente auxiliando nesse esquecimento. Entretanto, é válido ressaltar que ele não tomou partido pelo lado de Freud ou de Klein ou de Anna Freud, ou melhor, ele representou um espírito livre dentro da Psicanálise. Se isso não bastasse, ele é considerado um seguidor de Ferenczi que entrou no ostracismo e, além disso, se desentendeu com Jones, que era uma grande influência da BPS e, conseqüentemente, na IPA.

É necessário apontarmos também uma necessidade que existe de se retornar aos textos balintianos para pensarmos na clínica atual. Acreditamos que esse espírito crítico de Balint deve aparecer para um desenvolvimento saudável psicanalítico, ofuscando os aspectos narcisistas que podem envolver os analistas, com seus candidatos ou pupilos como continuadores de suas “grandiosas” contribuições. Essa mesma característica crítica possibilitou Balint adentrar em uma linha de raciocínio de experimentações e de verificações de resultados muito importantes para a clínica atual. Afinal, parece ser impossível uma terapêutica desses pacientes sem considerar os diversos aspectos regressivos e também o manejo na atmosfera clínica que o húngaro tanto defendeu.

Particularmente, realizar essa pesquisa sobre esse autor nos exigiu um esforço considerável não somente pela necessidade de acessar diversos textos em outras línguas, mas também exigiu que repensássemos alguns aspectos cunhados por Freud que imaginávamos serem “intocáveis”, como a noção de narcisismo primário.

Além disso, o movimento pendular e espiralado do pensamento freudiano dificultaria ainda mais essa aceitação de uma existência desse tipo de narcisismo, porque ao modificarmos esse aspecto teórico de 1914, acabaríamos tendo que repensar todo o desenvolvimento posterior de Freud que envolvia direta ou indiretamente o narcisismo primário.

Entretanto, ao nos adentrarmos nas explicações balintianas de uma clínica e de uma teoria que são inseparáveis, conseguimos observar a noção de um objeto primário, permitindo uma nova compreensão de algumas questões psicanalíticas e também de um novo rumo que Balint começou a desenvolver.

Estudar esse autor foi bastante significativo, pois acreditamos que ele nos possibilitou um movimento de repensar a Psicanálise, para além do modelo freudiano. De acordo com Herrmann (2002), esse movimento é bastante difícil, mesmo quando consideramos autores como Lacan, Klein, Winnicott, entre outros. O problema dessa herança freudiana é justamente uma sensação de extrema dependência, que pode levar a uma imobilidade de pensamentos e, conseqüentemente, a uma ortodoxia. Portanto, analisar as obras de Balint nos possibilitou um olhar muito diferente em relação à Psicanálise e nos alertou que é necessário repensá-la com urgência, levando em consideração o nosso modelo subjetivo atual. Vale mencionar que isso não significa um abandono de Freud ou de outro autor clássico psicanalítico, mas sim um processo de autonomia em que se acata esses pensamentos clássicos e também o contexto, possibilitando uma maior elasticidade da Psicanálise em diferentes tempos.

Dessa maneira, diante do nosso interesse em compreender as teorias de um autor que, tal como seu mestre Ferenczi, apresentava um espírito livre para realizar experimentações psicanalíticas, acabamos nos deparando com outro grande interesse que girava em torno das contribuições de Balint no campo clínico. Esse relevante psicanalista acabou sendo pouco conhecido nos meios psicanalíticos, mas demonstra uma originalidade e um importante suporte para pensarmos nas práticas dos terapeutas e dos analistas.

Cabe apontar ainda que as ideias de Balint merecem uma maior atenção e está muito longe de serem esgotadas. Dentro do campo psicanalítico, é necessário pensarmos com mais cuidado a aplicação de seus conceitos, o que pode levar às críticas que ele sofreu de Lacan, por exemplo, tal como ainda podemos analisar as críticas que ele mesmo direcionou a outros autores, como Fairbairn. Além disso, ainda é possível realizar estudos mais direcionados que exigem um conhecimento mais específico, como no campo da Antropologia, da Biologia, da História ou até das Artes.

Por fim, não nos restam dúvidas de que Balint representou um importante novo começo para a Psicanálise, e essa tese pretende ser um facilitador de acesso a essa teoria, e também um

disparador para diversos novos começos para se pensar nos variados aspectos que compõem a teoria balintiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARMONY, N. S. Nas pegadas de Balint – Reflexões psicanalíticas de D. W. Winnicott. In : BEZERRA JUNIOR, B. ; ORTEGA, F. *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.
- BALINT, A. (1939). Love for the mother and mother-love. In: BALINT, M. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.
- BALINT, J. (1997). Balint como padre. In: RICAUD, M. M. *Michael Balint: El nuevo comienzo de la Escuela de Budapest*. Tradução de: Isabel Moreno Correa. Madrid: Síntesis, 2000.
- BALINT, M. (1952). *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.
- _____. (1956). *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.
- _____. (1925). Perversion or a Hysterical Sympton? In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.
- _____. (1927). I. P. Pavlov. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.
- _____. (1930) Psychosexual Paralells to the Fundamental Law of Biogenetics. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.
- _____. (1932) Character Analysis and New Beginning. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.
- _____. (1933a) Dr. Sándor Ferenczi as Psycho-analyst. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.
- _____. (1933b) The Psychological Problems of Growing Old. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.
- _____. (1933c) Two Notes on the Erotic Component of the Ego-instincts. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.
- _____. (1933d) On transference of Emotions. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.
- _____. (1934a) The Adolescent's Fight against Masturbation. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1934b) A contribution on Fetichism. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1935a) The final goal of Psycho-analytic treatment. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.

_____. (1935b) Critical Notes on the Theory of the Pregonital Organizartion of the Libido. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.

_____. (1936) Eros and Aphrodite. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.

_____. (1937a). Early developmental states of the ego. Primary object-love. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.

_____. (1937b) A contribution to the Psychology of Menstruation. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1938). Strenght of the Ego and Ego-pedagogy. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London: Maresfield Library, 1994.

_____. (1939). On transference and counter-transference. In: _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. Londo : Maresfield Library, 1994.

_____. (1942). Contribution to reality testing. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1945). Individual differences of behaviour in early infancy and an objective method for recording them. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1947). On genital love. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.

_____. (1948a). Sándor Ferenczi. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*.New York: Liveright, 1973.

_____. (1948b), On Szondi's 'Schicksalanalyse' and 'Triebdiagnostik'. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*.New York: Liveright, 1973.

_____. (1949a) Changing therapeutical aims and techniques in psycho-analysis. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.

_____. (1949b). On the termination of analysis. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.

_____. (1951a). On love and hate. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.

_____. (1951b). On punishing offenders. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1952a). New beginning and the paranoid and the depressive syndromes. In : _____. *Primary Love and Psycho-analytic technique*. London : Maresfield Library, 1994.

_____. (1952b). Notes on the dissolution of object-representation in modern art. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1954a). Géza Róheim 1891-1953. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1954b). The life and ideas of Marquis de Sade. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1955a). Notes on Parapsychology and Parapsychological healing. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1955b). The doctor, his patient and the illness. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1956a). Pleasure, object and libido. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1956b). Sex and society. In: _____. *Problems of Human Pleasure and Behavior*. New York: Liveright, 1973.

_____. (1956c). *O médico, o seu doente e a doença*. Lisboa: Climepsi, 1998.

_____. (1959). *Thrills and regressions*. Londres: Maresfield Library, 1987.

_____. (1968). *A Falha Básica: aspectos terapêuticos da regressão*. São Paulo: Zagodoni, 2014.

_____.; ORNSTEIN, P. H.; BALINT, E. (1972). *Psicoterapia focal: terapia breve para psicanalistas*. Modelo desarrollado en la Clínica Tavistock. Tradução de Victor Fischman. Barcelona: Gedisa, 2006.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

_____. *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BOELICH, W. (org.). *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. Tradução de Flavio Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BRABANT GERÖ, E. Hungria. In: MIJOLLA, A. (org.). *Dicionário internacional da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

CASADORE, M. M. *Sándor Ferenczi e a Psicanálise: pela errância das experimentações*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

_____. *A Escola Húngara de Psicanálise e sua influência na constituição e desenvolvimento do movimento psicanalítico*. 2014. 124 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2014.

CORRESPONDANCE Ernest Jones/Michael Balint Avril 1938-janvier 1958 », *Le Coq-héron*. Paris: Eres v.2, n. 177, p. 25-88, 2004.

COSTA, J. F. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GURFINKEL, D. Balint e a formação psicanalítica. *Percurso*. Revista de Psicanálise, São Paulo, n.45, 2010.

EROS, F.; SZEKACS-WEISZ, J.; ROBINSON, K. (editores). *Sándor Ferenczi – Ernest Jones: letters 1911-1933*. Tradução de Beate Schumacher. Londres: Karnac Books, 2013.

FAIRBAIRN, W. R. D. (1957). Fairbairn's Reply to the Comments of Balint, Foulkes, and Sutherland. *The British Journal for the Philosophy of Science*, 7(28), 333-338. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/685115>>

FALZEDER, E., BRABANT, E. & GIAMPIERI, P. (Orgs.). Sigmund Freud e Sándor Ferenczi: Correspondência. Volume 1, Tomo 1 (1908-1911). Tradução de Cláudia Cavalcanti e Susana Lages. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.

FALZEDER, E., BRABANT, E. & GIAMPIERI, P. (Orgs.). Sigmund Freud e Sándor Ferenczi: Correspondência. Volume 1, Tomo 2 (1912-1914). Tradução de Cláudia Cavalcanti e Susana Lages. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

FENICHEL, O. *Teoria Psicanalítica das neuroses*. Tradução de Samuel Penna Reis. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.

FERENCZI, S. (1924). *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. (1921) .Para compreender as psiconeuroses de envelhecimento. In: *Obras Completas de Sándor Ferenczi*, Tomo III. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Martins Fontes, 2011.

_____. (1933) Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: _____. *Psicanálise IV*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FIGUEIREDO, L. C.; TAMBURRINO, G.; RIBEIRO, M. R. *Balint em sete lições*. São Paulo: Escuta, 2012.

FIGUEIREDO, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2008.

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, monstros e guerras da tradição greco-romana*. 9 ed. Porto Alegre: L & PM, 2007.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1895). Estudos sobre histeria. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol I

_____. A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess – 1887/1904. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago 1986.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol I

_____. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XI

_____. (1911). O caso Schreber. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XII

_____. (1913 [1912]). Totem e Tabu. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIII

_____. (1914a) A história do movimento psicanalítico. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIV

_____. (1914b). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIV

_____. (1916[1915]). A transitoriedade. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIV

_____. (1917). In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XVI

_____. (1918). História de uma neurose infantil. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XVII

_____. (1919[1918]). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XVII

_____. (1920). Além do princípio de prazer. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XVIII

_____. (1923). O ego e o id. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIX

_____. (1924a) Neurose e Psicose. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIX

_____. (1924b) A perda da realidade na neurose e na psicose. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIX

_____. (1926) Inibições, sintomas e ansiedades. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XX

_____. (1927). O Futuro de uma ilusão. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XXI

_____. (1938). Esboço de Psicanálise. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XIII

_____. (1939). Moisés e o monoteísmo. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol. XXIII. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Vol XXIII

- GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GELLY, R. Aspectos Teóricos do Movimento Balint. In: MISSENARD, A et al. *A Experiência Balint: história e atualidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1994.
- HAECKEL, E. *O monismo*. Porto: Chardon, 1908.
- HAYNAL, A. *A técnica em questão: controvérsias em psicanálise – de Freud e Ferenczi a Michael Balint*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- HEGENBERG, M. *Borderlines*. São Paulo: Casa do Psicólogo 2000.
- HERRMANN, F. A infância de Adão e outras ficções freudianas. São Paulo: Casa do Psicólogo: 2002.
- HORNSTEIN, L. *Introdução à psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1989.
- JUDT, T. *Pós-guerra – História da Europa desde 1945*. Tradução de José Roberto O’Shea Lisboa: Edições 70, 2007.
- JONES, E. (1957). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Iago, 1989. v. 3.
- JULIEN, N. *Dicionário Rideel de Mitologia*. São Paulo: Rideel, 2005.
- KING, P.; STEINER, R. *Las controvérsias Anna Freud – Melanie Klein (1941-1945)*. Tradução de María Jesús Alcamí Pertejo. Madrid: Síntesis, 2003.
- KORDA, M. *Com asas de águia: uma história da batalha da Inglaterra*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- LACAN, J. (1954). O Seminário , livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LAKASING, E. Michael Balint – an outstanding medical life. *British Journal of General Practice*. London, Royal College of General Practitioners, v. 55, n. 518, set. 2005.
- MARTINS, L. A. C. P. Herbert Spencer e o neolamarckismo: um estudo de caso. In: MARTINS, R. A.; MARTINS L. A. C. P. ; SILVA, C. C. ; FERREIRA, J. M. H. (eds.). *Filosofia e história da Ciência no Cone Sul: 3º encontro*. Campinas: AFHIC, 2004.
- MÉLÈSE, L. Balin after Lacan... and after. In: *The american journal of psychoanalysis*. N 1, março de 2002.
- MESZÁROS, J. *Ferenczi and beyond: exile of the Budapest School and solidarity in the psychoanalytic movement during the Nazi Years*. Londres: Karnac Books, 2014.

- MEZAN, R. *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- MOLNÁR, M. *A concise history of Hungary*. Tradução de Anna Magyar. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- MONZANI, L. R. *Freud: O movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- MONTGOMERY, J. F. *Hungria: satélite contra a vontade*. Tradução de Tibor Rabóczkay. São Paulo: Edusp; Com-Arte, 1999.
- ORNSTEIN, P. (1992). Como ler a falha básica?. In: BALINT, M. *A Falha Básica: aspectos terapêuticos da regressão*. São Paulo: Zagodoni, 2014.
- PEIXOTO JUNIOR, C. A. *Michael Balint: a originalidade de uma trajetória psicanalítica*. Rio de Janeiro: Revinter, 2013.
- PINES, M. Grã-Bretanha. In: MIJOLLA, A. (org.). *Dicionário internacional da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. Brasília. Editora da UnB, 1982.
- RICAUD, M. M. *Michael Balint: El nuevo comienzo de la Escuela de Budapest*. Tradução de: Isabel Moreno Correa. Madrid: Síntesis, 2000.
- _____. Healing boredom: Ferenczi and his circle of literary friends. In: SZEKACS-WEISZ, J. KEVE, T. (editores). *Ferenci and his world: Rekindling the spirit of the Budapest School*. Londres: Karnac Books, 2012.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- RUDNYTSKY, P. L. Series Editor's Foreword. In: EROS, F.; SZEKACS-WEISZ, J.; ROBINSON, K. (editores). *Sándor Ferenczi – Ernest Jones: letters 1911-1933*. Tradução de Beate Schumacher. Londres: Karnac Books, 2013.
- _____. *Em defesa da Psicanálise: ensaios e entrevistas*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- SCHARFF, D. Our history. In: _____. Tavistock relationships. Disponível em <<http://www.tavistockrelationships.ac.uk/about-us/our-history>>, 1993.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. *História da Psicologia Moderna*. 9 ed. Tradução de Marília de Moura Zanella e Suely Sonoe Murai Cuccio. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SHIOZAKI, M. P. S. *O sentimento de vazio: reflexões psicanalíticas na atualidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2012.

STEWART, H. *Michael Balint: Object Relations Pure and Applied*. Cornwall: Routledge, 2007.

STONE, M. H. *Personality-disordered patients: treatable and untreatable*. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2006.

SULLOWAY, F. J. *Freud biologist of the mind*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

TRIPICCHIO, A. Pequena biografia de Leopold Szondi. In: *redepsi*. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/2007/09/07/pequena-biografia-de-leopold-szondi/>>.

WINNICOTT, D. W. *O gesto espontâneo*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2005.